

ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.—Para os Estados 28\$000 e 13\$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

DR. FRANCISCO PORTELLA.	Aluizio Azevedo.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
CONSOLAÇÃO.	Georgina Teixeira.
A HECTICA	Virgilio Varzea.
POEMA DA CARNE.	Cunha Mendes.
VIVENDO.	Raul Braga.
VIDA.	A. Peres Junior.
MINIATURA	Arthur Andrade.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
ROLLO, PRINCE DE NORVÈGE.	Vicomte de Borelli.
THEATROS.	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

VALENTIM MAGALHÃES

DR. FRANCISCO PORTELLA

Não comportam as acanhadas dimensões do *Album* o esboço da estatura moral de Francisco Portella. O seu grande espirito de philosopho, a sua grande alma de patriota e o seu grande coração de justo dariam corpo para um livro, que seria o mais salutar e consolador exemplo do que vale o esforço moral e intellectual de um homem, quando posto em acção pela causa do bem e da justiça. A sua clara vida de lutas, sem domingos de repouso, sem crepusculos de desanimo, nem orgias nas multiphas victorias, é um codigo de honra civica e particular. Nella o cidadão, o homem e o philosopho disputam entre si a primazia e equilibram-se no mesmo plano de grandeza.

Ha, por conseguinte, no Dr. Francisco Portella a dupla individualidade de um contemplativo e de um homem de acção.

Qual das duas faces é a melhor? Qual das duas nos leva a amal-o e admirar-o de preferencia? O leitor que julgue por si mesmo, e decida pelo seu proprio julgamento

*

O chefe do partido autonomista nasceu em 1834 na capital do Piauh, de uma familia tão honesta quão desprovida de riqueza. Ainda criança lançou-se para o Rio de Janeiro, tendo de dar lições para poder realizar o curso de medicina. Foi muito moço professor de philosophia no collegio Marinho. O seu bom character e a rectidão de sua conducta conquistaram em Manoel Moreira de Castro, então redactor-chefe do *Jornal do Commercio*, um amigo e um protector, a cujo esclarecido espirito deve em parte o nosso biographado a boa orientação moral e intellectual que tão beneficemente lhe illuminou a vida inteira.

Formou-se em 1857, aos 23 annos, distinguindo-se na Escola ao lado do Visconde de Alvarenga, Sousa Costa, Saboia e João Silva, a cujo brilhante grupo pertencia. Desde essa epoca começou a bater-se logo pela liberdade e a pôr a sua sciencia professional ao serviço de todos os desgraçados que soffriam ao alcance da sua caridade, como punha a sua alma de revolucionario prompta a acudir aos gemidos da Patria, tambem enferma e prostrada.

Em 1859 atirou-se para Campos, solicitado pela amisade do Dr. Miranda Pinto. D'ahi começa a sua gloriosa phase de jornalista e politico de acção. Abrio-se então para o Dr. Portella um largo periodo de lutas incessantes, tendo elle por baluarte o *Monitor Campista*. Imagine-se um medico, sobre-carregado de clinica, sem querer faltar ao appello gratuito dos infelizes quesó com ellecoutavam; e julgue-se que esse medico era ao mesmo tempo nesse logar a alma revolucionaria de todas as avançadas aspirações do momento e tinha de oppor com frequencia a sua palavra na Camara aos embates da forte maioria sustentada pelo partido dominante; e que esse medico-politico era ainda o redactor chefe de uma folha diaria, que elle muitas vezes precisava fazer sosinho do artigo de fundo ao folhetim, transformando-se e multiplicando-se prodigiosamente, e tereis uma fraca ideia da actividade intellectual e physica desse homem extraordinario.

A sua proposta, quando vereador, apresentada em 1869 á Camara Municipal de Campos e por esta publicada, diz claro o zelo e seriedade com que elle

tratou dos interesses e das reformas agricolas do Estado. A elle deve Campos o estabelecimento da sua illuminação publica, e depois, ainda por sua iniciativa, a substituição do gaz pela luz electrica; a elle deve o projecto da estrada de ferro de Carangola, deve a ponte de ferro sobre o rio Parahyba, e muitos outros melhoramentos e progressos. Combateu sempre com denodo a escravidão, e na Assembleia, como deputado, o seu verbo invencivel foi sempre um grito de revolta a favor de todas as liberdades, como o attesta uma sessão de 1864, em que elle peremptoriamente se declarou republicano.

E' do *Monitor Campista* o seguinte periodo, em que o Dr. Portella prevê a revolução, a «independencia politica», segundo a sua phrase:

«...Cumpre sahir da hesitação e da duvida e entrar determinadamente na acção; importa banir do animo as apprehensões, desterrar os temores, e, inspirando-se no sentimento da sua força, urge querer, porque seja de ora em diante a nossa divisa—Querer é poder!»

E com effeito, assim o provou o revolucionario golpe decisivo de 15 de Novembro. O querer foi poder.

*

Em 1876 escreveu um precioso compendio philosophico, que até hoje ainda se acha em manuscrito, intitulado *Epitome de philosophia racional e moral*. E' um livro destinado a revolucionar scientificamente a parte da nossa instrucção publica que se refere áquella disciplina. Basea-se todo nas sciencias positivas.

O capitulo sobre as paixões é muito original e obra de mestre; só por si dá ao trabalho inapreciavel valor.

Sobre o famoso livro do Dr. A. Culerre *As fronteiras da loucura*, do qual traduzio e annotou grande parte, escreveu um estudo digno de admiração, em que, com mira na medicina legal, prova brilhantemente o papel da responsabilidade, dando scientifica definição de todos os generos de loucura.

Das fadigas da clinica activa e da imprensa diaria e das lutas politicas descansou o Dr. Portella o seu espirito na litteratura amena, escrevendo, com o pseudonymo de *Radymyra*, ligeiras e encantadoras produções de fino lavor. *A Visão da eternidade*, — *A Caridade*, — *O lago dos sonhos*, — *Sexta feira santa*, — *Saudades e esperanças*, e outros e outros mimos de prosa litteraria, dão boa cópia de mais essa bella face do seu talento. Escreveu tambem trabalhos de critica litterariae artistica, como sejam *Os poetas campistas*, e variados artigos sobre exposição de pintura, onde se revelam largos conhecimentos de estetica.

Amigo intimo de Charles Ribeyrolles, que o tinha em grande apreço, pediu, numa eloquente phrase, em 2 de Dezembro de 1865, á Assembleia Provincial, de que era membro, alguns palmos de terra em que para sempre descansassem os restos mortaes do

illustre proscripto francez. A Assembleia concedeu unanimemente a sepultura pedida, para a qual Victor Hugo, tambem amigo do morto, compoz o epitaphio. Mais tarde, quando já governador do estado do Rio de Janeiro, fez o Dr. Portella com que os ossos de Ribeyrolles fossesolemnemente trasladados da modesta cova em que jaziam para um mausoleu perpetuo no cemiterio de Maruhy, honrando condignamente d'esse modo a memoria d'aquelle seu desventuroso e desterrado confrade.

*

Chamado, logo em seguida á proclamação da Republica, para governador do estado do Rio de Janeiro, o Dr. Portella, apezar dos escolhos antevistos, assumio sem hesitar a difficil direcção que lhe era designada e conseguiu estabelecer e manter a ordem e remover os perigos e sobressaltos de tão grande commoção social, sem empregar o menor acto de violencia.

A situação economica do Rio de Janeiro encontrou-a elle nas peiores condições; o erario exhausto, o exercicio financeiro tocando o seu termo, e a administração, no fim da arrecadação das rendas, achando-se balda de recursos para occorrer ás despesas publicase ainda diante de terrivel paralysação dos negocios; as terras não tinham valor; a agricultura morria por falta absoluta de braços e de capitaes; o commercio e a industria desfalleciam desesperados. O desanimo era geral e completo; a situação perigosa e acabrunhadora.

Mas o Dr. Portella, com a energia, actividade e talento administrativo de que dispõe, metteu hombros á empreza, e em breve o Rio de Janeiro era um Estado florescente e rico. As suas terras começaram a subir de preço de um modo assombroso, a lavoura e o commercio reanimaram-se, adquirindo forças que nunca tinham tido, e a iniciativa particular começou a explorar riquezas até ahí desconhecidas pelo proprio Estado que as possuia.

A constituição promulgada por elle, em virtude do decreto do governo provisório, foi a mais completa, a mais harmoniosa e mais democratica que é possível imaginar. O seu plano geral de viação, concebido e criado rapidamente, é um padrão de gloria administrativa e de calculo financeiro; com esse plano estabelece-se uma facil circulação em todo o vasto Estado, dando prompta sahida á producção, não só do proprio Estado como dos vizinhos e limitrophes, para os paizes estrangeiros.

E não parou ahí: Reformou radicalmente a instrucção publica, desenvolvendo-a com criterio, povoando o Rio de Janeiro de escolas e arrancando do analphabetismo milhares de infelizes, condemnados á ignorancia. Sob a acção energica e fecunda do seu governo, aquelle Estado transformou-se e vio de repente alargarem-se os seus horizontes; se a contra-revolução de 23 não o tivesse privado do seu governador, elle seria hoje talvez o mais importante do Brasil.

O Dr. Portella sahio do governo do Rio de Janeiro mais pobre do que entrou, e deixou o Estado em pé de riqueza que até ahí nunca desfructára.

Mas a grande parte da população fluminense continúa a ver n'elle o seu governador moral, porque comprehende que, se ainda alguma coisa lhe resta que não seja de todo má, é reflexo do benefico impulso que recebeu de suas mãos. Apesar de apeiado do poder, a gratidão e a justiça d'esse hoje infeliz povo formaram em torno do honrado governador de posto, um enorme partido, que é para o Estado a preocupação do presente e a sua garantia do futuro.

*

Não! Definitivamente não cabe em tão pequeno espaço a sombra de tão grande vulto!

ALUIZIO AZEVEDO.

CHRONICA FLUMINENSE

E venham cá dizer-me que não ha dinheiro nesta boa terra!

Olhem as acções do Banco Nacional do Brasil, disputadas como se fossem bilhetes para as primeiras representações do *Falstaff*!...

Olhem os bilhetes para as primeiras representações do *Falstaff*, disputados como se fossem acções do Banco Nacional do Brasil!...

*

Oh! o *Falstaff*!...

Ha no mundo uma capital, uma só, que se dá ao luxo de manter ao mesmo tempo duas companhias lyricas de primeira ordem, e de assistir a duas primeiras representações do *Falstaff*, na mesma noite, em dous theatros diversos. Essa capital é o Rio de Janeiro.

E' verdade que nessa mesma capital se ouve, desde pela manhan até a noite, um côro unisono e terrível contra a baixa do cambio, a depreciação do dinheiro, a carestia geral, a difficuldade, ou antes, a quasi impossibilidade de viver; mas ninguem creia na sinceridade d'essas queixas... A carne está a dez tostões? Pois esteja! Em compensação os Srs. Ducci e Ferrari não pedem duzentos mil réis por um camarote...

*

Os leitores foram mais felizes do que eu: tiveram dous *Falstaffs* á sua escolha, e eu não tive nenhum. Cahí doente. Escrevo esta chronica sabe Deus como!

Apenas me foi dado assistir a dous dos ultimos ensaios do *Falstaff* do Lyrico...

*

Alice e Meg, as alegres comadres do velho Will, e o exuberante sir John inspiraram a Boito um

libretto cheio de bons versos, com exquisitas e sonoras rimas; mas... francamente: acham-lhe muita graça?

Prestei a maior attenção ao misero Falstaff, que me foi exhibido, qual outro cavalheiro da triste figura, nas situações mais ridiculas, obrigado a esconder pelos cantos os seus fracassos de namorado sem ventura, levado até o fundo de um cesto de roupa suja pela iniplacavel estrategia das comadres, e atirado ao Tamisa; e vi-o depois, naquelle mesmo delicioso parque do *Sonho de uma noite de verão*, impiedosamente matraqueado por suppostas almas do outro mundo.

Todas essas coisas se passaram ao som de uma musica muito bem feita, e alegre, mas de uma alegria tão violenta, que apenas conseguiu atordoar-me; — uma alegria... dramatica!

Se eu affirmar, leitor benevolo, que a peça me fez rir, ficarei com o remorso de haver faltado á verdade...

Dizem que o divino Verdi, durante todo o tempo em que escreveu esta partitura, levou a rir-se da sua propria obra...

Eu confesso que debalde procurei o phenomeno que me prometteram. Verdi é no *Falstaff*, como no *Othelo*, o musico genial dos grandes dramas romanticos. Este opulento ensaio de lyrismo buffo não o transformou, como me tinham dito.

Aquelle grito, por exemplo, que solta a orchestra inteira quando o cesto de sir John é atirado ao rio, poderia da mesma fórma indicar uma situação dramatica. O effeito comico ahí é produzido pelo que se vê e não pelo que se ouve...

Não! decididamente *Falstaff* não me faz rir. Rabugice do enfermo, dirão. Talvez. O *Barbeiro de Sevilha* continúa a ser, para mim, o modelo das operas buffas.

A.

CONSOLAÇÃO

A VALENTIM MAGALHÃES

Ninguem alheias afflições censure,
Nem menospreze o sentimento alheio,
Pois que a ventura é louco devaneio
E não conheço bem que eterno dure.

Por mais que só delicias se procure,
Sempre, ominoso espectro de perneio!
Paira a desdita atroz! paira o receio,
Como funesta estrella que fulgure!

Em tudo punge a dor, em tudo existe
Desespero cruel, que em vão blasphema
E rugue e grita em vão! Apenas, triste,

Vae, na saudade meiga e dolorida,
Achar o coração, bella e suprema
Consolação dulcissima e querida!

GEORGINA TEIXEIRA.

A HECTICA

A MARTINS JUNIOR

Ella costumava tomar leite todas as manhãs e fazer um passeio curto. Eu via-a passar muito pallida, de uma fragilidade de lyrio, vagarosa e offegante, com aquelle ar indifferente e desolado das molestias chronicas, que sugam pausadamente, sorrateiramente a vida. Tinha o olhar languido, frio e saudoso das pessoas exaustas, perdidas, que se sentem desmoronar aos poucos.

Trazia sempre um *water-proof* azul, de laço atraz, que deixava apenas a barra do vestido de fóra, pondo grandes pregas de largura pela estreiteza ossuda e deformada das costas.

O pae, um velho magro, de physionomia agradavel e respeitosa, ainda erecto de robustez, os cabellos algodoados pelos annos, o ar gentleman, dava-lhe com segurança braço, e envolvia-a, muito carinhoso, numas animações tão consoladoras, verbalisadas a voz forte, que ella chegava a sentir, por momentos, alargar-lhe o coração ondas de saúde, de envolta com aquellas palavras!

Achava-se até melhor, mais rija, naquella grande esperança que acompanha intimamente os tísicos, e vinham-lhe sorrisos rapidos, que lhe faziam contrahir levemente os labios desmaiados, deixando a descoberto a claridade alinhada dos dentes sãos; fitava o velho com alegria, com ternura: era a sua saúde.

Mas logo depois, o nervosismo, o hystericismo faziam-na cahir numa nostalgia funda, de todas as horas, num presentimento vago e fatal de tumulo proximo; e então, chorava perdidamente, apparecendo-lhe, com mais violencia, uma tosse secca e tilintante, acompanhada de ruidos soturnos na caverna do peito e borbotões quentes de sangue vivo.

Uma manhã, deixou de dar o seu passeio costumado. O Azul estava fresco e scintillante, alastrado de luz, cheio de aromas e cantos, cortado da alegria da terra. O sol surgia claro e magnifico, confortador e bom.

Passei todo o dia com a imaginação cheia da lembrança d'ella, preocupado, temeroso, na incerteza do que lhe teria acontecido.

A' tarde, um tropel de gente, no rumor discreto e pacato de uma rua provinciana, fez-me chegar precipitadamente á janella.

Era ella, a triste e desventurosa creatura, que eu via passar todas as manhãs, que partia agora para além, no seu estreito caixãozinho azul, e que nunca mais, nunca mais voltaria!...

VIRGILIO VARZEA.

POEMA DA CARNE

A ARTHUR AZEVEDO

III

Teus olhos têm fulgor de encandecido asphalto.
A' luz d'elles, eu sinto as delicias frementes
Com que em versos sensuaes e lagrimas ardentes,
Amor sem fim, ventura em extaxis, exalto...

Quando longe de mim, como soluço, falto
Das forças varonis, dos impetos latentes!
Elles são que, em furor e em lutas renitentes,
Lançam-me os gosos crueis em teterrino assalto...

Nas retinas iriaes como que existem mares,
Ora em calma serena, ora em brutas procellas,
Banhados de desejo ou languidos scismares.

E nos nossos joviaes, nocturnos sacrificios,
Ellas são, ó formosa, as duas lampadas bellas
Que aclaram nosso leito — o branco altar dos vicios.—

IV

Que delicado olor vae se espalhando em torno!
É o acre aroma gostoso, esse aroma de carne
Dá-me o impeto brutal porque louco descarne
Teu bello corpo ideal, assetinado e morno...

Sangue! Bello seria em cada leve adorno
Uma gota sanguinea! Ah! o delirio se encarne
N'essas veias azues mais que os jardins de Marne
Cheirosas Patenteia o nitido contorno,

A plastica serena, os assombrosos traços
Da belleza triumphal: dá-me a grandiosa cruz,
Para eu morrer feliz em teus formosos braços!

Deixa o beijo picar-te os labios de roman:
Que eu sinta o casto amor do mystico Jesus
Com as delicias brutaes do tragico Satan!

CUNHA MENDES.

VIVENDO...

NOTAS INTIMAS

1.ª Nota

Rua do Ouvidor!... O bonde transpõe a ultima rua silenciosa; lojas começam a apparecer; côres de reclame ferem a vista, gritando á luz intensa do sol; — vehiculos cruzam-se, atordoando os ouvidos; ha gente pelas portas, gente pelas calçadas, gente ainda pelos bondes... Rua do Ouvidor, em breve! sente-se como a palpitação de um outro mundo proximo; estas vozes que ouvimos são o echo de outras, mais longe; o movimento que já se nos faz



DR FRANCISCO PORTELLA

em torno é a vibração de um outro, louco, irrequieto, confuso, — mais longe...

Dentro do peito, salta o nosso coração ; os nossos nervos sacodem-se como tocados por uma pilha electrica ; o nosso espirito divaga, allucina-se, não quer pensar ; uma attracção de prazer o toma, uma attracção forte, de prazer que se deseja, porque seduz, mas que se teme, porque mata, porque póde matar...

O bonde, ao termo da viagem, tem mais pressa ; dobra-se a ultima curva ; vertiginoso, num arranco, elle atira-se, galga o ponto, arrogante.

Aqui, de certo, é que está, é que pulsa a fonte da nossa vida... Rua do Ouvidor ! Ha calor, ha tumulto, ha loucura ; como que todos os corações se uniram ; ha o fremito de mil existencias diversas mescladas, — a convulsão do soluço, a nota sonora do riso.

Côres baralham-se : o roseo da felicidade, do amor ; o perola da melancolia ; o sangue, o côr de fogo da victoria ; o negro da magua...

Aonde vae esse mundo ? que quer esse mundo ? que faz esse mundo ?

Viver ! occupar esses annos de vida que nos caibam, de qualquer modo, como o temperamento nos exija, como o espirito nos peça... Rir ! que coisa melhor que o riso, o riso argentino da alegria, o riso mesmo perverso, o riso que fere, que se delicia com a dor ?... Chorar ! chorar, embora ! que consolo o da lagrima, a lagrima silenciosa e intima, mas a lagrima franca, tambem, a lagrima que é um requinte, a lagrima que satisfaz, que purifica a alma, da magua, consumindo a tristeza, até a ultima gotta... Que allivio o do soluço, o soluço que é um protesto contra a alegria dos outros !...

Ser máo, ser bom ; amar, odiar... tudo, tudo : o que nos peça o nosso temperamento, o que o nosso espirito exija. Viver ! como é bom viver !...

*

4. Nota

Por estes dias desol, rutilantes, a minh'alma não soffre, esquece todas as suas dores ; como que lhe parece impossivel que, na verdade, ella soffra, que se possa, in mesmo, soffrer. Um desejo, uma necessidade de sahir, me vem, de sahir, deixar tudo ; — livros, livros que preciso ler, já e já ; trabalhos, trabalhos que tenho pressa de corrigir, que me alvoroto por tel-os correctos, emfim, para passar a outros, escrever outros ; uma necessidade, um desejo, me euchem de sahir, mas para o campo, para a natureza, para o silencio das grandes estradas onde a vida é escassa ainda...

Saio. Pelo caminho, que alegria ! Sinto em mim a alma de uma criança ; dão-me vontades de correr, gritar... e prosigo, e vou quasi saltando, quasi cantando, ligeiro e feliz...

Nada existe do que me tortura ; só, a felicidade, a bondade, a alegria !... A vida, deve-se levar assim, nestes dias : não se pensando... fóra, por

uma bella paizagem onde haja muito arvoredoo... sem destino... á toa...

Imagino venturas. Sonho-me num *cabaret*, a um angulo da estrada, sob uma varanda coberta de trepadeiras, bebendo, a largos intervallos, por grosseiros canecos de barro vinho fino, — em um extase, a ouvir uma doce musica sentimental, longe, sem ver, sem saber quem a está cantando ou tocando... Vejo-me ainda, ahi, mas com uma rapariga fresca e bonita, cheirando a campo, sobre os joelhos, contando-me a sua historia, por entre beijos e goles de vinho...

Melhor, porém, sósinho. Manchas de sol tremem sobre o tijolo da varanda, na sombra das trepadeiras agitadas de um fremito ; uma borboleta aproxima-se... foge ; ouve-se um passaro gorgeiar, distante, — outro vem saltitar em uma mesa visinha ; uma carroça de bois passa, vagarosa e pesada ; uma voz desconhecida faz-se ouvir, não se sabe onde... E os olhos turvam-se, como que syncopes sacodem-nos o cerebro, em sonhos vagos, — diante da luz intensa, faiscaute... da poeira, da nevoa deluz ouro e pallido do dia !... Parece-me que não existo : sinto-me nada ; quem existe é a natureza, é o Todo... Sinto-me apenas um atomo dançando no ar como esses atomos que se veem tremer na luz... num raio de sol que entra por uma fresta...

RAUL BRAGA.

VIDA

Tuto scintilla e ri, tudo floresce !
Das arvores na verde ramaria
Gorgeiam aves doudas de alegria...
— A Primavera os campos reverdece...

Manhan loura e fragante ! Alto apparece,
De luz enchendo o espaço e de ardentia
O velho sol ; renasce a pradaria ..
A Natureza um cantico parece !..

Na embriaguez do aroma, as borboletas
Voam por entre as flores, irrequietas,
Pandiculando as azas multicores...

Ha pelas moitas vozes amorosas...
— Se eu percebesse as fallas mysteriosas
Das leves borboletas e das flores !...

A. PERES JUNIOR.

Publicações recebidas :

— *Naufragios célebres en el Cabo Polonio, Banco Ingles y Océano Atlantico*, um bello livro do conhecido escriptor oriental Dom Antonio D. Lussich, editado por Dom A. Barreiro y Ramos e nitidamente manufacturado na Imprensa Nacional de Montevideo. O maior elogio que podemos fazer d'esta obra, já em segunda edição, é transcrever as seguintes palavras de Samuel Blixen, um dos homens de letras mais bem preparados da republica visinha : « Antonio Lussich acaba de publicar un libro que, por varios con-

ceptos, merece chamar a atenção. Pertenece, por de pronto, á la *aristocracia* de las obras que se hacen leer, aprisionando al lector con los poderosos tentáculos de un interés sostenido y persistente; y es, por otra parte, de los pocos que dejan en el espíritu una huella durable y profunda, estimulando la fermentación de la santa levadura de instintos buenos que cada cual conserva en el fondo de su alma, con el ejemplo de los grandes actos de valor, de abnegación ó de generosidad. » Entre os naufragios de que trata este livro commovedor, está comprehendido o do nosso pobre *Solimões*.

— Os primeiros numeros da *Chronica*, folha politica e litteraria, de que são directores os apreciados jornalistas João José Cezar e Eugenio Pinto, e que se publica, aos sabbados, nesta capital.

MINIATURA

Do seu palacio de flores,
Do seu throno de escarlata,
A rainha dos amores,
Que os corações torce e abate,

Vendo minh'alma deserta,
Sem crenças, toda tristeza,
Trouxe-me a luz, fez-me a offerta
De uma celeste riqueza...

Não foi buscar meu thesouro
No seio immenso dos mares,
Nem nas floreas ilhas de ouro
Das lendas, nem nos luares.

Com seu condão simplesmente,
Mudou-me a sorte impiedosa,
E abrio-me o céu de repente,
Pondo-me perto de Rosa...

E como ter mais abrolhos,
Como ter no mundo prantos,
Se eu vejo o mundo n' s olhos
Da moça de mais encantos?..

Vêde-a... Que graça ondulante,
Nessa esculptura se esbate!
Tenho certeza: é um diamante
De inestimavel quilate...

Seus olhos? Porém, como ha-de
A musa... Emfim, comparae-os
A's noites de tempestade,
Relampagueantes de raios.

E os labios que, de tão bellos,
As flores deixam patetas
De inveja, quantos Othelos
Farão, dizei, quantos poetas?

Seu talhe esvelto, espumoso,
O garbo das fôrmas cheias,
Têm o encanto vaporoso
Das vaporosas sereias.

Galante como as orchideas,
Seu corpo, de parte a parte,
Guarda prodigios de Phydias,
Esconde assombros de arte...

Os olympicos lampejos
Do collo, e o mármore dos braços,
Pedem corymbos de beijos,
Pedem collares de abraços.

Ha opio de mil perfumes
Nas suas tranças tão puras,
Tão negras como os negrumes
Das negras uvas maduras.

Niveos focos! Graças magas!
Escondei-vos ante o arminho
De seus seios que são vagas,
De seus seios que são ninhos.

Que mãos! Vejo-as tão pequenas
Que, n'uma gotta de orvalho,
Ou nas tenras açucenas
Presumo que as agasalho...

Microscopicos, são gazas
Seus leves pés crystalinos.
Penso, ao miral-os, nas azas
Dos mais lindos vicelinos.

Em summa, p'ra descrevel-a,
Basta dizer que, em passando,
Deixa o clarão de uma estrella,
Deixa uma essencia boiando...

ARTHUR ANDRADE.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XI

(Continuação)

Quando Dolores entrou no salão, a conversa mudou, como succede sempre que uma terceira pessoa intervem num assumpto, que aos interlocutores não convem divulgar.

— Que nos conta, Guilherme?

— A novidade do dia, o apparecimento de uma obra dramatica escripta por um oriental.

— Por um oriental? — interrogou Carmen, demonstrando na physonomia assombro inesperado, tal era o milagre de um compatriota escrever uma comedia, em vez de se occupar de um livro sobre politica.

— Com que... escripta por um oriental? E como soube?

— Pelos cartazes.

— O nome do autor?

— Ignorado; provavelmente algum cavalheiro de industria da literatura.

— Ou algum modesto do seculo desoito.

Guilherme applaudio com uma risada de pouca vibração.

— Em todo o caso...

E não continuou. A um ruido de passos bem marcados succedeu a presença imponente do coronel Blanco.

O velho militar correspondeu ao cumprimento de Guilherme e fixou um olhar investigador, como

homem acostumado a ler á primeira vista na physionomia dos individuos.

Este movimento foi rapido. E logo, sem querer interromper o que ia a pronunciar á entrada:

— Em todo o caso... como dizias... — exclamou, como que interrogando, o coronel.

— Em todo o caso, é necessario que em tempo encomendes um camarote.

Carmen explicou ao padrastro do que se tratava, e manifestou toda a sua admiração, ella que até aos 18 annos ignorava o que fosse uma peça dramatica, escripta por um oriental. E accrescentou maliciosamente:

— Aposto que a peça ha de ser uma comedia politica.

O coronel baixou a frente como quem se queria recordar de algum facto.

— Em que pensas? perguntou a moça.

— Quem será o autor?

— Mediocridade! atalhou Guilherme.

— Recemnacido! arriscou Carmen em tom escarninho.

— Ha de ser plagio! aventurou Dolores.

O coronel pensava, respondendo com um movimento oscillatorio do index, como gesto negativo e duvidoso.

De repente, bateu fortemente na testa com as pontas dos dedos e pronunciou o nome de Lucio.

— Lucio? — interrogaram todos.

Carmen e Guilherme voltaram-se e olharam-se transidos de admiração.

XII

A's oito horas principiava a corrente de curiosos a estabelecer-se na rua e no interior do theatro *Solis*.

O espectáculo estava annuciado para as oito e meia.

No *saguão* do theatro passeavam os pares. A pouco e pouco subiam as fumaradas. Do tecto pouco se distinguia já; uma nuvem carregada estendia-se por sobre os concurrentes. Os charutos e cigarros fumegavam a toda força como chaminés de um *leviathan steamer*.

Dos lados, ouvia-se o trinado dos copos nos botéquins.

Principiavam as salvas da cerveja Robillard. De quando em quando abriam-se alas para que passassem as familias que se dirigiam aos camarotes. Os mais ousados estendiam a cabeça para apreciar de mais proximo o effeito dos adornos dos vestuarios. Se viam conhecidas ou amigas, *trinavam*, entre um sorriso e um meneio faceiro de corpo, um comprimento delambido.

E logo voltavam-se para os amigos a dizer quem era, quem não era e a sublinhar umas considerações maliciosas, que faziam rir.

E como sempre, á vista de tal exemplo, um indifferente de baixa tempera arriscava opiniões, mil vezes repetidas em eguaes casos.

— Que luxo! — exclamava... Os demais approvavam com um arregallar de olhos.

O *philosopho* á vista do exito, concluia:

— Vão ver... ainda o não pagou. As mulheres são assim...

A orchestra dava signaes de vida. Vibrava o *lá* da afinação. O *piston* brilhava com a sua energica voz de *tenor* instrumental.

As rabecas arrastavam a monotonia da sua maneira de afinar.

O flautista, homem de consciencia tranquilla e capacitado de que possue um instrumento sempre em tom, contentava-se de descer e subir umas escalas, intermediadas de phrases poeticas de tal ou tal opera. Ao *charivari* orchestral correspondiam o vozerio da sala e a sineta do palco, chamando artistas e espectadores.

A animação crescia. O theatro sentia a palpação nervosa da curiosidade. Em frente a um cartaz, um grupo commentava o sigillo do autor, de não querer publicar o nome, em seguida ao titulo da comedia.

Sobremodo, o que fazia especie a todos os assistentes, era a exentricidade em intitular-a de similhante maneira.

E todos confessavam que alli haviam comparecido para assistir a mais um *fiasco*.

Não esperavam bom exito.

— Emfim... — accrescentavam — é para rir; sempre se ha de passar o tempo.

— Sempre desconfeiei d'estes comediographos que estreiam!

— E eu... arriscou um rapaz, dado a ditos de espirito, cá estou para que se não diga que não costume auxiliar a *industria* nacional.

E logo, sem se voltar, para receber o applauso da gargalhada, seguiu altivo e perfilado, de frente alçada e queixo sustentado nas pontas de um collarinho á *lord* Palmerston, e mãos nas costas, sumidas em luvas cõr de canario baio, e brincando com a *badine* de ebano, encastoadada a ouro.

A' porta central da sala do espectáculo, esperava, com anciedade patente, um moço que á primeira vista respirava o grande tom. Mordia a ponta do bigode vistoso e projectava um olhar curioso em direcção á porta do *saguão*.

Era Guilherme Tosti á espera da familia Blanco.

Que Carmen viria, sabia-o elle desde o dia em que visitára pela primeira vez a esposa e a enteada do coronel.

Entretanto, a perturbação do rapaz tinha outra causa mais digna de reparo.

E assim era. Instantes havia, que por junto d'elle passaram Lucio e Carrero, deixando-lhe no espirito, em adiantado desenvolvimento, o germen da inveja.

ALFREDO BASTOS.

(*Continúa.*)

ROLLO, PRINCE DE NORVÈGE

Hella, fille du roi de Danemark, est blonde
Comme l'ambre et le miel, et Juillet dans les blés.
Blonde comme les brocs de bière qu'à la ronde
Se passent, chaque soir, ses frères attablés.

Et Rollo, fils du roi de Norvège, est robuste
Comme les demi-dieux qu'on chante, et les héros.
A voir sa nuque large et l'ampleur de son buste,
On sent qu'il porte en lui la force des taureaux.

Et la frêle Princesse aime le chasseur mâle
Qui n'a point peur des ours, des hommes, ni des loups;
Et le Prince terrible aime la fille pâle
Pour ses cheveux d'or fin, moins blonds qu'ils ne sont doux.

*

Les pères sont rivaux. — Ils ne savent plus guère
Pourquoi, vieil héritage, une haine est entre eux;
N'importe! Les aïeux, jadis, furent en guerre,
Et leurs petits-enfants ne pourront être heureux!

Ils se revoient, pourtant, en secret, aux étoiles...
Mais des traîtres sont là, car il en est toujours:
Et comme l'araignée ils ont tendu les toiles
Où viendra s'engluer l'aile de ces amours!

*

L'embûche a réussi. — Vers la forêt prochaine
On entraîne Rollo, maté sans coup férir;
Dans un ravin tragique, au tronc d'un jeune chêne
On l'attache. On lui dit comment il va mourir.

Des fers à chaque bras, des fers à la ceinture,
Il ne doit plus voir l'aube et le soleil levant;
Les bêtes de la nuit en quête de pâture
Trouveront le chasseur et l'auront tout vivant.

Les Danois sont joyeux: leur querelle de race
A son compte, et, ce soir, gai sera le repas;
Etendus pêle-mêle, ôtant casque et cuirasse,
Ils raillent. — Lui, rêveur, ne les voit même pas.

*

Deux cris: — « Hella! » — « Rollo! » — l'arbre tremble, l'écorce
Se coupe, et les chainons s'enfoncent jusqu'au bois:
Sous une tension d'irrésistible force
Tous les mailons, rompus, éclatent à la fois;

Et le héros bondit; il ramasse une hache:
D'abord, le sang du Roi rougit le gazon vert;
Et puis, sept fois encore, un sang royal le tache
Quand les fils, à leur tour, tombent, le crâne ouvert!

*

Rollo soutient Hella défaillante; il caresse
Son adorable tête et ses cheveux soyeux:
Et voilà que, tandis qu'il soulève une tresse,
Un clair et bon sourire a passé dans ses yeux.

*

— « Rollo, je t'appartiens, dût le Ciel me maudire;
« Je n'ai point fait de mal et n'ai pas de remords;
« Mais, — toi qui les tuas! — comment peux-tu sourire,
« Quand, à peine, mon père et mes frères sont morts! »

— « Hella! je me disais qu'en me liant au chêne,
« A s'y prendre un peu mieux, on devrait aviser:
« Si l'un de tes cheveux avait été ma chaîne,
« Jamais je n'aurais eu le cœur de la briser! »

VICOMTE DE BORELLI.

THEATROS

LYRICO E S. PEDRO, — Duas companhias italianas de primeira ordem realisaram, na mesma noite de 29 de Julho de 1893, as primeiras representações do *Falstaff*, no Rio de Janeiro. Este facto, um dos mais notaveis que se têm dado nos nossos theatros, naturalmente repercutirá no mundo inteiro.

A opera de Verdi está julgada; não teremos a pretensão de analysal-a nestas fugitivas columnas. O desempenho, por parte dos cantores, dos côros e das orquestras, nos pareceu magnifico em ambos os theatros. E' difficil dizer qual dos dous Falstaffs mais nos agradou, se Falstaff-Camera ou se Falstaff-Scotti. O empresario Ducci e o empresario Ferrari .. empataram.

—No S. Pedro cantou-se outra opera nova, *Pagliacci*, de Leoncavallo, o *Mephistofeles*, de Boito, e a popularissima *Cavalleria rusticana*, de Mascagni; no Lyrico, os *Puritanos*, de Bellini.

*

LUCINDA. — A companhia de que são empresarios os artistas Peixoto e Clementina, representou a opereta em 3 actos, de Ordonneau e Kéroul, traducção do Gervasio Lobato e Eça Leal, musica de Andran, o *Tio Celestino*. O libretto é engraçadissimo e a musica digna do autor da *Mascotte*. O desempenho está confiado a artistas da ordem de Christina Massart, Balbina, Peixoto, Maia, Flavio, etc. O *Tio Celestino* tem agradado a valer.

*

RECREIO. — Voltou á scena neste theatro o famoso *Bendegó*.

*

PHENIX — A companhia Machado poz em scena o *Capadocio*.

*

A companhia Tomba têm variado os seus espectaculos do Polytheama com operas e operetas já representadas; no Apollo annunciam-se as ultimas representações da *Volta do mundo*; o Variedades continúa a explorar o *Gafanhoto* e o *Sant'Anna a Conquista dos Talismans*.

X. Y. Z.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.
LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

Imprensa H. Lombaerts & C.